O Sendero Luminoso e o 17 de maio de 1980

metamorfoses possíveis?

Tereza Cristina Nascimento França
Fabio José da Silva Franco
Mariana Fortaleza Vieira
Neyff Rosendo Feitosa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FRANÇA, TCN., *et al.* O Sendero Luminoso e o 17 de maio de 1980: metamorfoses possíveis?. In OLIVEIRA, RP., NOGUEIRA, SG., and MELO, FR., orgs. *América Andina: integração regional, segurança e outros olhares* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 237-251. ISBN 978-85-7879-185-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

O Sendero Luminoso e o 17 de maio de 1980: metamorfoses possíveis?

Tereza Cristina Nascimento França
Fabio José da Silva Franco
Mariana Fortaleza Vieira
Neyff Rosendo Feitosa

Resumo

Este artigo é parte de uma pesquisa maior cujo título é “O renascimento do Sendero Luminoso: O Peru e os efeitos de um *Intractable Conflict* (2002-2010)” que vem se desenvolvendo no âmbito do Labecon (Laboratório de Estudos de Conflitos e Paz). A proposta principal é analisar o Peru e o renascimento do Sendero Luminoso no início do século XXI. O presente artigo está dividido em duas partes: Uma cronologia das ações do Sendero Luminoso entre 2002 e 2010 e os caminhos do Sendero Luminoso em 2010. A base desta pesquisa se pauta por livros, periódicos e relatórios, arrolados através de métodos dedutivos, indutivo, hipotético-indutivo, dialético e fenomenológico. A escala de intensidade de conflitos do

Conflito Barômetro, desenvolvida pelo *Heidelberg Institute for International Conflict Research* serviu não somente para estabelecer o grau de severidade do problema como também para acompanhar a variação das questões durante o período em análise. Esta preocupação fundamenta-se não somente na percepção da precarização das questões como também como uma forma de acompanhar a volatilização inerente aos conflitos.

Abstract

This article is part of a larger research project entitled The rebirth of the Shining Path: Peru and the effects of an intractable conflict (2002-2010) has been developing under the Labecon (Laboratory for the Study of Conflict and Peace). The main purpose is to analyze the revival of Peru and the Sendero Luminoso in the XXI century. This present article is presented in two parts: A chronology of the Shining Path's actions between 2002 and 2010 and the ways of the Shining Path in 2010. The basis of this research is primarily books, journals and reports, examined by deductive methods, inductive, hypothetico-inductive, dialectical, and phenomenological. The intensity scale conflict used is from Conflict Barometer, developed by the Heidelberg Institute for International Conflict Research served not only to establish the severity of the problem but also to monitor the variation of the questions during the review period. This concern is based not only on the perception of insecurity issues as well as a way to monitor the volatilization inherent conflicts.

O cenário peruano e os conflitos na América latina

O final da Guerra Fria significou o nascimento de uma nova ordem internacional sob o signo da segurança internacional clivado de novas ameaças e conflitos. Apesar da América do Sul (13 países e 3 territórios em 17.850.568 km²) ser considerada, juntamente com a Oceania (16 países e 22 territórios 9.008.458 km²), um dos continentes mais pacíficos do planeta, não significa que o cenário não tenha registrado em sua história atual a existência da guerra no sentido clausewitziano já que é uma situação ausente da região desde a década de 1930.

Apesar de a região ser um cenário de baixa propensão a conflitos interestatais, ela apresenta áreas de fricções entre os Estados, especialmente no tocante às fronteiras, que são os mais antigos conflitos da região (FRANÇA, 2011a, p.71). O conflito pode ser intraestados e/ou interestados podendo confrontar o próprio desenvolvimento de um Estado, especialmente no sentido de influenciá-lo não somente em sua independência e mobilidade econômica, financeira, política e cultural como também na tentativa de reversão de processos antigos de inserção subordinada em sua própria história.

Desse modo, para melhor estudar a problemática dos conflitos, faz-se necessário analisar se os conflitos podem ou não trazer instabilidade ou mesmo estabilidade ao Estado, principalmente por ser ele o ator diretamente afetado pelos problemas supracitados. Enfatizam-se ainda as dimensões estatais sociopolíticas que são diretamente afetadas por tais problemas de segurança, ou seja, o próprio Estado, mercado e a sociedade civil e a sociedade política. Assim, pensar a segurança sistêmica significa antes de mais nada refletir sobre o

papel do Estado e como sofre a influência do meio ou interação com ele.

A questão da segurança sistêmica envolve não somente a segurança dos Estados, mas também outros quatro tipos de segurança: a Segurança Corporativa que por envolver os riscos das ameaças e conflitos transnacionais baseia-se fundamentalmente na cooperação internacional; Segurança Humana, Segurança Mercadológica e Segurança Externa que se remete diretamente ao cenário onde o Estado desenvolve suas áreas de interesse estratégico, a saber, as relações externas de defesa, tanto no quadro multilateral, como no quadro bilateral.

Antes do 11 de Setembro de 2001, a análise dos crimes transnacionais e guerrilhas não estavam presentes no centro das teorias estatocêntricas. Esta exclusão ocorria pelo aspecto marginal destes grupos. No entanto, devido ao aumento das operações criminais e dos grupos ilegítimos o cenário mudou. O crime é hoje transnacional. A complexidade das ações criminosas aumentou exponencialmente em relação não somente às áreas geográficas, mas também por causa das tecnologias e as facilidades de comunicação. E neste quesito que os 1496 km de região fronteira entre Peru e Colômbia passam a ser instrumentos de interesse para os grupos que traficam drogas (POLLETO, 2008).

Peru e o Sendero Luminoso

O Peru é o vigésimo país do mundo em termos de extensão geográfica, 1.285.216 km, sobre a qual vivem 29.248.943 habitantes. O país registra três grandes problemas: disputas de fronteiras com o Chile e Equador, movimentação humana

e problemas com drogas ilícitas. A movimentação humana está estimada entre sessenta a cento e cinquenta mil pessoas ocasionadas não somente pela guerra civil ocorrida no período entre 1980-2000, mas também pelo fato do Peru ser o segundo maior produtor de folha de coca do mundo.

O Peru é dividido em três regiões: o litoral, a região serrana e a região montanhosa. É no litoral que se encontram melhores oportunidades de desenvolvimento e sua população é, majoritariamente, de origem hispânica. Já as regiões serranas e de montanhas além de apresentarem dificuldades inerentes ao tipo de solo e de clima, contam com o descaso do governo, agravando a situação de miséria dos seus habitantes que, por sua vez, são de ascendência indígena e que têm por idiomas o aimará e o quéchua. Para Russell W. Switzer (2007), foi esta condição de miséria aliada ao preconceito étnico e ao descaso por parte das autoridades que favoreceu o surgimento de insurgências. Ademais, o fator ideológico foi um instrumento norteador das ações do Sendero Luminoso que, inspirado pelo maoísmo, acreditava na inevitabilidade da violência como único caminho para alcançar o socialismo através de uma revolução do campo em direção à cidade.

O Sendero Luminoso foi fundado na década de sessenta por Abimael Guzmán, ex-professor de filosofia, também conhecido pelos membros do grupo como “Presidente Gonzalo”, que além de estudar Quechua (língua falada por grande parte da população indígena do Peru) buscou atrair simpatizantes de sua ideologia esquerdista para levarem a cabo uma revolução no Peru.

O grupo é oriundo de rupturas no Partido Comunista do Peru, decorrentes de um processo de cisão na esquerda em

todo o mundo durante as décadas de cinquenta e sessenta. Seu nome oficial é Partido Comunista do Peru (PCP), no entanto, o nome Sendero Luminoso nasceu da máxima do marxista peruano José Carlos Mariátegui: “O Marxismo-Leninismo abrirá o caminho iluminado para a revolução” e foi adotado para diferenciá-lo dos outros partidos comunistas do país. O objetivo principal da organização era o de pôr fim às instituições consideradas burguesas através de uma revolução comunista de origem camponesa inspirada na Revolução Chinesa de Mao-Tsé-Tung (1949).

Entre o final dos anos 70 até o início de sua luta armada em 17 de maio de 1980, o Sendero Luminoso foi muito ativo, especialmente na condução de campanhas guerrilheiras, chegando a estar presente em 25% do território peruano, e atentados. Outra peculiaridade do grupo está na data do primeiro atentado em Chuschi, 17 de maio de 1980, haver ocorrido no mesmo dia em que Fernando Belaúnde foi eleito pondo fim a doze anos de regimes militares. Em 12 de setembro de 1992, Abimael Guzmán e sua companheira e número dois da organização, Elena Iparraguirre são capturados e trinta e dois dias depois condenados à prisão perpétua.

De acordo com o monitoramento do Heidelberg, em 2002, o Sendero Luminoso não poderia ser considerado como finalizado apesar dos ataques em áreas isoladas do país. Contudo em 2003, o Sendero Luminoso abandonou o estado de latência em prol do estado de crise ao atacar uma unidade militar, no dia 10 de julho, matando sete soldados. No mesmo ano, a Comissão da Verdade e Reconciliação do Peru, lançou um relatório cobrindo o período entre 1980 e 2000. Nele, consta a morte de 70 mil pessoas, a maioria camponeses de origem indígena, 50% delas devido às ações diretas do Sendero Luminoso.

Nos anos seguintes, o Sendero Luminoso manteve a intensidade de ação graças a atos violentos e bloqueios de rodovias, a fim de atrair a atenção do governo e da imprensa para que fosse concedido o pedido de anistia dos prisioneiros sende-ristas. Ressalte-se que todos os atos do Sendero Luminoso utilizavam a força armada como solução para os problemas. A Comissão da Verdade e Reconciliação arrolou as denúncias de massacres de camponeses, opositores e de julgamentos sumários. Este dado somente vem a reforçar que a relação entre o Sendero Luminoso e os camponeses pobres foi muito mais forjada pelo medo e falta de opção do que pela alternativa política, especialmente nos anos pós 1980, enquanto que na década anterior, a militância camponesa havia sido amalgamada pelas reivindicações sociais.

Ao final de 2004, a polícia peruana chegou a prender membros do grupo infiltrados no sistema educacional do país. No entanto, a partir de 2007, o perfil do Sendero Luminoso sofreu uma mudança: acusação de envolvimento com o narcotráfico que rendeu à organização guerrilheira mais de 40 milhões de dólares por ano, tornando o Peru um dos maiores produtores de cocaína do mundo. De acordo com Cynthia Arnson e William Zartman (*apud* CEPALUNIE; MENDONÇA, 2006), esse dinheiro era usado para o pagamento dos combatentes e para melhorias em diversos setores. Ressalte-se que, em meados dos anos 1990, o Sendero controlava quase 25% dos municípios peruanos e fazia uso da capacidade militar de 25 mil homens.

Em 2008, após vários confrontos, o grupo foi responsabilizado pela morte de onze pessoas, sendo nove policiais e, como represália, teve dez baixas, dentre elas um dos seus líderes. Os rebeldes remanescentes se dividiram, em 2008,

em duas facções: Comitê Regional de Huallaga (CRH), com cem membros aproximadamente, e o Comitê Regional Central (CRC), com trezentos membros. O primeiro atuava no norte do país e o segundo no Vale da Região de Apurímac e Ene (VRAE), no sul. Um ataque mais incisivo foi ordenado para a região do VRAE, contando com mil soldados para destruir o Sendero Luminoso (HEIDELBERG, 2008).

No ano de 2009, o conflito atingiu um grau mais elevado, rendendo-lhe o nível quatro, crise severa, na escala de conflitos do Heidelberg. Nesse ano, o envolvimento da guerrilha com o narcotráfico se intensificou, pois o grupo passou a fornecer armas e munições aos traficantes. Em 2010, o confronto foi reduzido ao nível três graças, sobretudo, à prisão de um dos comandantes senderistas Edgar Mejía, conhecido como Camarada Izula (HEIDELBERG, 2010). A marcante popularidade dos senderistas se deve, nas palavras de João Fábio Bertonha,

ao fato do Sendero Luminoso se integrar à vida dos camponeses pobres. Ao contrário dos políticos tradicionais, fazendo seus discursos em espanhol sobre democracia, parlamentos e outras questões longe do cotidiano dos camponeses, o Sendero fazia sua propaganda em idioma indígena e oferecia soluções práticas para o dia a dia de muitos peruanos (...). Além disso, o Sendero Luminoso tinha uma política de respeito aos camponeses que era inovadora em termos de uma sociedade racista e desigual como a peruana (BERTONHA, 2001).

Certamente Bertonha toca em um aspecto fundamental: o Sendero Luminoso como resultado de uma realidade ainda presente na grande maioria dos países latino americanos e não somente no Peru. Para Octavio Ianni, a história social dos países latino-americanos, no século XX, registra a presença constante, e frequentemente decisiva, de movimentos sociais camponeses. A partir dessa perspectiva, entende-se a importância de conhecer as razões da ascensão e da queda desse grupo, bem como o seu *statu quo* no cenário hodierno (IANNI, 1985).

Esta observação tornou-se bastante pertinente ao longo da pesquisa até aqui efetuada, especialmente por se pautar por duas realidades: a presença de conflitos de natureza tradicional lado a lado com a ascensão de conflitos intraestatais cujos riscos atingem um *status* interestatal. São eles, a saber: ameaças relacionadas a guerrilhas, grupos etno-políticos, violência social, degradação do meio ambiente, escassez de recursos, epidemias, riscos ambientais, ameaças da criminalidade organizada, terrorismo, tráfico de drogas, armas e pessoas, questões energéticas, em especial os refugiados e os IDP's (*internally displaced people*); bem como ameaças de atores não estatais, sem rosto, desterritorializados que imputam desafios estratégicos à segurança regional e internacional.

A segunda realidade é a necessidade de examinar os caminhos trilhados pelo Sendero Luminoso no período entre 2002 e 2010. Apesar de o Sendero Luminoso haver se reestruturado neste período não ficou ainda clarificado como ocorreu o processo de troca de norteamiento. Neste momento, as perguntas de trabalho se concentram em torno da nova configuração do grupo: O que levou o Sendero Luminoso a deixar

de contemplar a busca pelo fim das instituições burguesas em prol da participação no tráfico de drogas? Até que ponto pode-se afirmar que esta nova roupagem é apenas uma sobrevivência ou tentativa de sobrevivência do grupo? E se como esta sobrevivência deve ser tratada: como uma rota indicativa político ou como mais um grupo que responderá pelo rótulo de guerrilheiros das drogas?

O Sendero Luminoso no século XXI

Os caminhos trilhados pelo Sendero Luminoso, no período entre 2002 e 2010, advieram de duas heranças: primeira a de ser um grupo armado advindo de uma organização altamente personalista em torno da figura de seu líder Abimael Guzmán. A segunda era o isolamento do Sendero no plano político esquerdista e no próprio meio campesino. Este isolamento devia-se em grande parte pela utilização da violência como meio, o que permitiu que o governo de Alan Garcia utilizasse insurgências rurais como as Rondas Campesinas reconhecidas sob a lei 24.571 como uma organização que fazia serviços à comunidade e contribuía para o desenvolvimento e para a paz social. Até este momento da pesquisa, afirma-se que na reestruturação do Sendero Luminoso ocorreu sob um alto preço tanto para o grupo, como para a população pobre e também para o Estado.

Pari passu às duas heranças supracitadas há que levar em conta o monitoramento do Sendero Luminoso realizado pelo Conflito Barômetro para o período entre 2002 e 2010. Durante esse período, registra-se uma clara movimentação: de conflito latente, em 2002, passa à crise nos dois anos seguintes.

Já em 2005, recuou ao *status* de conflito manifesto e retornou à posição de crise entre 2006 e 2008. No ano seguinte, alcançou o maior patamar de sua história, crise severa, para recuar ao *status* de crise no ano de 2010. Com isso, fica claro que os picos, entre 2006 a 2009, refletem a intensidade de sua ação especialmente a partir de 2007, quando o envolvimento com as drogas expandiu o seu raio de ação.

Em 2008, durante uma reunião entre o ministro da defesa colombiana, Juan Manuel Santos e o ministro da defesa peruana, Antero Flores Aráoz, houve a confirmação de contatos entre as FARC com o Sendero Luminoso e também com o MRTA (Movimiento Revolucionário Túpac Amaru). Esta informação havia sido conseguida através de notebooks encontrados no acampamento no Equador quando o número dois das FARC, Raúl Reyes, foi abatido. Ao final da reunião, os dois governos acordaram a necessidade de impulsionar a cooperação binacional especialmente nas áreas de defesa, especificamente na luta contra o narcotráfico, terrorismo e o crime transnacional organizado. Ação esta que somente reforça a presença da segurança corporativa e externa.

Assevera-se que o Sendero Luminoso aponta mais para uma finalização de sua existência enquanto guerrilha atrelada à herança maoista, do que uma finalização do grupo em si. Os golpes sofridos pelo grupo com as subsequentes lideranças sendo presas ou mortas, e os contragolpes governamentais exauriram o grupo a tal ponto que, em 2010, na data em que o grupo alcançou trinta anos do início de sua luta armada, o Sendero Luminoso encontrava-se fracionado e transformado em um grupo dependente do tráfico de cocaína para sobreviver. Os tempos onde o Sendero Luminoso pautava por ser

um movimento ideológico forte ficaram para trás. Ressalte-se que duas das ideologias mais caras ao Sendero Luminoso de Guzmán eram: a sua identificação esquerdista e a sua aproximação dos camponeses. Ambas tornaram-se legados malditos: enquanto que a esquerda não consegue se livrar do rótulo que a correlaciona com o Sendero Luminoso, a base camponesa se esvaziou deixando principalmente as fileiras do grupo esvaziadas.

O Sendero Luminoso de 2010 além de se mostrar fortemente desfalcado está dividido quanto ao campo de ação que deveriam se pautar. No próprio ano de 2010, vieram à luz as acusações trocadas entre as suas lideranças: ‘Artemio’ da base Huallaga acusava ‘José’ e ‘Raul’ de “*vendepatria*” e os identificava para a população como comprometidos com o narcotráfico enquanto se autointitulava como seguidor do marxismo-leninismo.

Considerações Finais

O 17 de maio de 1980 tornou-se uma data inesquecível para os peruanos pela chegada da democracia depois de anos de ditadura militar. Contudo, também ficou marcada como o início da luta armada do Sendero Luminoso. Olhando em retrospectiva, pergunta-se se haveria algo a ser comemorado. A resposta para os membros do Sendero Luminoso seria não. A resposta para o Peru também seria negativa. E a resposta para a população que se viu presa na luta entre o Estado e o Sendero Luminoso é também contraproducente. De fato os três perderam. O Estado peruano viu-se obrigado a conviver com a herança radical do governo Fujimori especialmente no

tocante ao Sendero Luminoso ao infringir diversas diretrizes dos direitos humanos na tentativa de extirpar os problemas de segurança ligados ao grupo; ao mesmo tempo em que a necessidade de erradicar o Sendero Luminoso era fundamental para avançar ao futuro. Perdeu ainda a própria democracia peruana cuja data de ascensão, 17 de maio, que deveria ser amplamente comemorada, retomada da democracia, tornou-se manchada para sempre.

O Peru que tem graves problemas sociais convive ainda com o fantasma do Sendero Luminoso do passado sob a liderança de Abimael Guzmán que uma vez disse aos camponeses que iriam mudar a face do país. Em realidade a miséria e a história de privações ainda pontuam a realidade social peruana. A possibilidade de mudança social alcançou o patamar de uma realidade longínqua.

A despeito de o Sendero Luminoso se encontrar com sua fileira bastante reduzida, em torno de cem componentes, ele ainda é objeto de preocupação, afinal foi assim que eles começaram. E há, sem sombra de dúvida, uma metamorfose em andamento, mas sem o pensamento, sem a base e sem a ação personalista tão fortemente impressa pelo Presidente Gonzalo.

Quanto a Guzmán, três meses e três dias depois de 17 de maio de 2010, ele e a namorada Elena Iparraguirre, ambos cumprindo prisão perpétua, casaram-se nas instalações da Base naval do porto El Callao, oeste de Lima, onde Guzmán está preso. A cerimônia durou 15 minutos...

Referências

BERTONHA, João Fábio. **Sendero Luminoso**: ascensão e queda de um grupo guerrilheiro. Espaço Acadêmico, Maringá, 10 ago. 2001.

COMISSÃO DE VERDADE E RECONCILIAÇÃO. **Relatório Final**. Disponível em: <http://www.cverdad.org.pe/ingles/ifinal/index.php>.

FRANÇA, Tereza Cristina Nascimento. “O papel dos conflitos no quebra-cabeça da segurança hemisférica latino-americana” In: OLIVEIRA, Marcos (Org.) *Comparando a defesa sul-americana*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011a. p.65-87.

HEIDELBERG INSTITUTE FOR INTERNATIONAL CONFLICT RESEARCH. *Conflict Barometer 2002*, Heidelberg.

_____. *Conflict Barometer 2003*, Heidelberg.

_____. *Conflict Barometer 2004*, Heidelberg.

_____. *Conflict Barometer 2005*, Heidelberg.

_____. *Conflict Barometer 2006*, Heidelberg.

_____. *Conflict Barometer 2007*, Heidelberg.

_____. *Conflict Barometer 2008*, Heidelberg.

_____. *Conflict Barometer 2009*, Heidelberg.

_____. *Conflict Barometer 2010*, Heidelberg.

IANNI, Octavio. Revoluções Camponesas na América Latina. In: SANTOS, José Vicente T. dos (org.). **Revoluções Camponesas na América Latina**. São Paulo: Unicamp, 1985

SWITZER, Russel W. Jr. **Sendero Luminoso and Peruvian Counterinsurgency**. B.S, University of the State of New York, Maio 2007.